



Colonialismos, Pós-Colonialismos e Lusofonias

Atas do IV Congresso Internacional em Estudos Culturais

Título:

Colonialismos, Pós-Colonialismos e Lusofonias – Atas do IV
Congresso Internacional em Estudos Culturais

Coordenação:

Maria Manuel Baptista e Sara Vidal Maia

Edição:

Programa Doutoral em Estudos Culturais
ISBN 978-989-98219-1-0

IRENNE – Associação de Investigação, Prevenção e Combate à
Violência e Exclusão
ISBN 978-989-98912-0-3

Ver O Verso Edições
ISBN 978-989-8015-18-1

Coordenação editorial:

Alina Timóteo, Monise Martinez e Raquel Neves

Capa:

Maria Joana Alves Pereira

Design gráfico:

Raquel Neves

Revisão:

Alina Timóteo, Giane Escobar e Monise Martinez

Paginação:

Raquel Neves

Suporte:

Edição *online*

Abril de 2014

© Todos os direitos reservados.

Os artigos e a sua formatação são da responsabilidade dos autores.



IV CONGRESSO INTERNACIONAL
EM ESTUDOS CULTUR^AIS
COLONIALISMOS, PÓS-COLONIALISMOS E LUSOFONIAS

TERTÚLIA 4	Deslocamentos, Diásporas e Hibridismos em Contextos Pós-Coloniais	121
Joana Bahia	A Descoberta de Portugal. Viagem de uma antropóloga a um país à rasca	122
Isabela Cabral Félix de Sousa	Mulheres Migrantes na Busca e Conquista de Educação e Saúde: considerações de uma luta	129
Miriam de Oliveira Santos	Cultura, Identidade e Nação entre Descendentes de Imigrantes Italianos no Sul do Brasil	136
Noémia Maria Simões	Etno-navegações: narrativas (pós)coloniais, entre o local e o global	143
TERTÚLIA 5	Turismo, Cultura e Lazer em contextos pós-coloniais	152
Adriana Brambilla & Maria Manuel Baptista	Por que viajamos?	153
Helena Cristina Vasconcelos Silva	O turismo cultural ao serviço da Lusofonia: conhecer Aveiro através dos azulejos	159
Silvana Micaela Serrão	Poetas Lusófonos – À Descoberta de uma Cidade Literária	169
TERTÚLIA 6	Colonizações e Descolonizações: Processos Históricos 1	181
Hortênci Gonçalves, Lilian Wanderley & Carmen Costa	Doações testamentárias de terras a escravos e ex-escravos de Sergipe, Nordeste do Brasil, entre os séculos XVII e XIX	182
Diego da Costa Vitorino & Dulce Consuelo Whitaker	A história Escolar do Negro: cultura e memória social num estudo de caso no Vale do Paraíba – São Paulo – Brasil	188
Benedita do Socorro Matos Santos & Sousa, A. N.	Administração eclesiástica do Grão-Pará e Maranhão em relação às aldeias dos índios: as estratégias e adaptações do Alvará de 25 de julho de 1638	196
Gilberto Santiago & Ye lin	Literatura e identidade em <i>A Geração da Utopia</i> de Pepetela	201
TERTÚLIA 7	A presença do imaginário colonial e pós-colonial na literatura 1	208
Daniel Mandur Thomaz	Descomemorar o Passado, Descolonizar o Presente: Referências Históricas na Literatura e na Arte Brasileira durante a Transição Democrática	209
Alessandro da Silva	O novo romance histórico latinoamericano: uma abordagem crítica de <i>La pasión de los nómades</i> , de Maria Rosa Lojo	216
Paola Jochimsen, Aline Farias & Sarah Ipiranga	Um filho desobediente: Machado de Assis e a nação brasileira	224
Elisângela de Jesus Santos	Sob o signo do 'jeca tatu': Notas sobre a construção de estereótipos étnicoculturais na literatura e cinema brasileiros durante o século XX	232

Resumo: O presente trabalho consiste em uma análise do conto “Miss Dollar” escrito por Machado de Assis e publicado na coletânea *Contos Fluminenses* em 1870. O objetivo é verificar e discutir os elementos apresentados pelo citado escritor realista como formadores da nacionalidade brasileira. A partir de um penetrante estudo da sociedade do século XIX, recriam-se no universo machadiano os mais variados tipos humanos (até então esquecidos pela crítica literária vigente) na forma de uma sutil e sarcástica pintura. [Machado de Assis foi] Alvo de severas apreciações por parte da célebre tríade de críticos de sua época – Araripe Júnior, José Veríssimo e Sílvio Romero – que não compreendeu os aspectos sociológicos enfatizados pela composição machadiana do quadro nacional brasileiro, uma vez que tais elementos divergiam dos critérios então propostos como constitutivos da nacionalidade. A primeira parte do trabalho contempla uma breve revisão desses critérios, para então contrapô-los, na segunda parte, às marcas da brasilidade apresentadas em “Miss Dollar”. Através da análise desse conto expomos os elementos que denunciam nossa formação nacional, sobretudo quanto aos aspectos sócio-históricos, discutindo como estes interferiram na constituição cultural do povo brasileiro. A perspectiva machadiana sobre a nacionalidade compõe-se a partir de uma segunda fase de organização social do Brasil, bem diversa daquela representada nos romances indianistas e sertanejos. Daí provavelmente seu intrínseco diálogo com estudos sociológicos – notadamente os de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda – que revelam as implicações do deslocamento da estrutura social camponesa para o meio urbano em desenvolvimento, como também a repercussão dos “vícios” coloniais nas novas classes em formação. A análise da obra machadiana nos permite ver como os elementos da brasilidade nela expostos ainda hoje encontram ecos em nossa sociedade.

Palavras-chave: Crítica literária; Machado de Assis; Nacionalidade; Miss Dollar.

1. A construção da nacionalidade e a crítica brasileira

No século XIX, a tríade de críticos Araripe Júnior, José Veríssimo e Sílvio Romero foi responsável por apreciar, orientar e promover as produções de literatura ficcional no Brasil, bem como analisar as leituras feitas à época dessa mesma produção. O principal enfoque desses críticos era buscar nas obras dos escritores brasileiros a construção de uma identidade nacional. Não a encontrando ou achando-lhe equivocada, tais autores faziam

Um filho desobediente: Machado de Assis e a nação brasileira

Paola Jochimsen¹, Aline Farias², Sarah Ipiranga³

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Brasil

¹ Graduanda em Letras-Francês na Universidade Estadual do Ceará – UECE. paolakaryne@hotmail.com

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará – PosLA/UECE. Bolsista FUNCAP. fraufarias@gmail.com

³ Professora Adjunta de Literatura Comparada – UECE. sarahdiva31@gmail.com

a crítica dos elementos ou as falhas que as distanciavam de uma produção genuinamente brasileira, por força de corrigir-lhes a direção. Como exemplo, foram apontados como desvios a imitação, a cópia, os estrangeirismos presentes na composição de alguns escritores brasileiros, que funcionariam, na opinião dos críticos, como empecilhos para nossa emancipação cultural e ao desenvolvimento de uma literatura que exalasse brasilidade na forma e no conteúdo. Vejamos a opinião do cearense Araripe Júnior:

[...] não será desprezando o que de mais belo e inspirador existe em nossos climas que havemos de sacudir com o jugo das **impressões importadas** do velho continente. Trilhando vereda tão diversa daquela que deveríamos seguir, nunca chegaremos a proclamar a nossa **emancipação**. [grifos nossos] (Araripe, 1978: 9)

Também José Veríssimo manifesta sua opinião sobre o assunto. Para este, “cumprir que as nossas letras, a nossa ciência, as nossas ideias, os nossos costumes tenham **uma feição própria. A imitação mata-nos**. [grifos nossos]” (Veríssimo, 1977: 156). Veríssimo argumenta que a fragilidade/indeterminação de nossa identidade nacional se deve, sobretudo, à falta de educação científica e à fraqueza de nossa formação cultural (entrvada pela mania de imitação inconsciente e pela ignorância).

De uma forma mais específica em relação à produção literária, os críticos apresentavam uma espécie de “trilha emancipatória”, um rumo para a construção do nacional nas letras. Araripe Júnior destaca as riquezas naturais de nossa terra como a fonte de nossa brasilidade, sendo o *clima* o elemento que mais fortemente influencia e/ou determina o nosso jeito de ser, o nosso temperamento e que, por extensão, deve influenciar nossa literatura e ser explorado na ficção de nossos escritores:

De impressões completamente estranhas, de uma natureza tão cheia de esplendores como a da América, dessas florestas seculares, desses rios colossais, não deve por certo surgir senão uma literatura original [...] (Araripe, 1978: 10).

Ao lado do clima, Araripe coloca a índole de seus primitivos habitantes – o índio – também como fonte de inspirações para a produção literária de nossa terra. Daí vemos uma profusão de romances indianistas – dos quais são emblemáticos os de José de Alencar – que, em certo período de nossa literatura, tentaram retratar os primórdios da formação cultural brasileira, tomando dos índios as primeiras feições de nosso povo.

Formar, pois, do resultado de todas estas observações [do caráter da raça indígena] um ideal e apresentá-lo artisticamente desenvolvido em um poema ou romance, eis o que o século passado para cá têm se aventurado alguns espíritos mais empreendedores e entusiastas (Araripe, 1978: 22).

Em contraposição à ideia de Araripe que vê o clima da América como um diferencial de nossa cultura e literatura, e o índio, um tipo originalmente brasileiro, Veríssimo não considera o clima um fator emancipatório, mas um elemento que aprisiona e embota o talento de nossos poetas. Além disso, o autor lembra que a formação da nacionalidade brasileira não está centrada apenas em uma raça, decorre, na verdade, do cruzamento de elementos étnicos (português, tupi e o negro), que deu origem ao “genuíno povo brasileiro” (Veríssimo, 1977: 159), isto é, o sertanejo.

Nesse aspecto, Sílvio Romero apresenta um ponto de vista que corrobora a opinião de Veríssimo sobre o sertanejo: “genuína população nacional, a grande massa rural e sertaneja, na qual palpita mais forte o coração da raça” (Romero: 1980: 1777). O terceiro integrante da tríade de críticos do século XIX enxerga essa população como a possibilidade de afirmação identitária e de superação da condição cultural de colônia. Longe dos modismos da cidade, que ele reporta como imitação espúria

e inócua dos modelos europeus, também afastado do idealismo indianista alencarino e dos aspectos climáticos abraçados por Araripe, Romero aponta enfim o sertanejo, homem do campo, como o representante real e autêntico do povo brasileiro. Daí sua empolgação por Euclides da Cunha e seu livro *Os sertões*.

Convido o leitor a apreciar no livro esta página verdadeiramente encantadora. São traços firmes que destacam com segurança uma das múltiplas faces de um tipo das nossas gentes do centro nortista. O quadro é admirável; é empolgante: desenho e colorido ajustam-se e dão-nos a ilusão da realidade viva e palpável. (Romero, 1980: 1795)

Na poesia, acredita que o gênero popular, com um pé forte no folclore, seria fruto de uma germinação tipicamente nossa. Por isso, ainda hoje os trabalhos de pesquisa do crítico nesta área, através de histórias e causos regionais, elementos folclóricos, canções etc., são uma referência essencial nos estudos antropológicos.

De posse então de uma postura aguerrida e engajada tanto no exercício da crítica quanto na apreciação da literatura, o crítico não se furta a analisar o escritor mais famoso da época: Machado de Assis. Em sua crítica à obra machadiana, Romero argumenta que o escritor realista, com sua literatura urbana e cultivadora dos tons irônicos e pessimistas tipicamente europeus, que nada tinham de brasileiro, deixava intocado o papel social que a literatura devia ter e em nada contribuía para a construção da nossa nacionalidade. Para Sílvio Romero, da relação do homem com a cidade – com o meio urbano – nasceria uma cultura artificial, pois a cultura genuína vingaria de uma vivência, de uma relação verdadeira entre o homem e o meio em que ele vive.

De fato, Machado de Assis propõe e constrói em sua ficção exatamente o oposto da ideia defendida por Romero. O autor de *Dom Casmurro* pinta um painel da sociedade brasileira, sobretudo, no meio urbano. É deste espaço que o escritor extrai os fatos cotidianos, os costumes, as cores e os matizes para reconstituir ficcionalmente os traços da nacionalidade que se forjava na corte brasileira – Rio de Janeiro – do século XIX. Possivelmente, a contrariedade da literatura de Machado a este e a outros critérios de Romero para uma literatura eminentemente nacional leve o crítico sergipano a atacar tão ferrenha e ferinamente a obra machadiana.

O estilo de Machado de Assis, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a fotografia exata do espírito, de sua índole psicológica indecisa. Correto e maneiroso, não é vivace, nem rútilo, nem grandioso, nem eloqüente. É plácido e igual, uniforme e compassado. Sente-se que o autor não dispõe profusamente, espontaneamente, do vocabulário e da frase. Vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da linguagem. (Romero, 1980: 1506)

Estaria assim Machado tão afastado do nosso país como insufla Romero? A esta pergunta este artigo busca propor uma resposta através da análise de “Miss Dollar”, narrativa publicada em *Contos fluminenses* (1870), livro de contos que marca a estreia do escritor no gênero que o consagrará. Nele Machado de Assis faz par com a sociedade imperial, destacando-lhe os modos, a convivência, os tipos de relação social, enfim, um Brasil que está a se mostrar por outras cores e tons. Assim, propomo-nos a discutir as paletas, pinceis e tonalidades utilizadas por Machado de Assis para retratar a brasilidade, apresentando sucintamente alguns dos traços nacionais reconstruídos pelo autor no citado conto. Antes, porém, problematizaremos o significado do conceito de nacional, sua variabilidade significativa histórica e teórica.

2. Ser ou não ser nacional: essa é a questão?

Duas concepções apresentam-se inicialmente para delimitação do problema proposto: o *espaço* e o *homem*. Na crítica que se praticava no Brasil na época, marcada por uma visão comprometida com as questões sociais, o espaço seria de fundamental importância para a afirmação da literatura¹, em virtude de ser o *locus* produtor de imagens, vetor da produção criativa. Nele, por sua vez, habitava o homem brasileiro, que deveria possuir as características necessárias para expulsar a herança colonial e afirmar a sua independência artística.

Preocupado com o exercício literário na sua complexidade, Machado alterou a rota da crítica e lhe interpôs uma nova direção. Ser brasileiro, pois, para Machado é poder sair da exposição destemida ao sol dos trópicos e entrar na sombra das casas e das pessoas. E mais do que isso, ser senhor de sua língua, com capacidade estética para subjugar o real e não estar submisso à paisagem. A lógica é outra: antes o escritor e seu estilo; a partir da observação dele, as pessoas; por fim, a paisagem, que na verdade está integrada ao cotidiano, por isso não necessita de mais textos a exaltá-la.

Com este posicionamento literário, Machado de Assis acaba por exigir uma nova crítica. No entanto, dentro daqueles que se destacaram como a Geração de 1870, somente José Veríssimo conseguiu enxergar as artes do mestre.

O raciocínio reverbera a explicação do próprio Machado sobre como entende o dever do escritor: “O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo **sentimento íntimo**, que o torne homem do seu tempo e de seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.” [grifos nossos] (Machado de Assis *apud* Schwarz, 1987: 166).

Apesar da sua exiguidade, o painel montado até aqui acerca da crítica e do conceito de nacional no Brasil permite-nos passar à análise do conto “Miss Dollar” a fim de compreender o ‘sentimento íntimo’ de nacionalidade elaborado pela narrativa.

2.1. À sombra do ócio

O conto “Miss Dollar”, narrado em terceira pessoa e dividido em oito capítulos, passa-se no Rio de Janeiro do século XIX, apresentando-se, portanto, como uma descrição da sociedade carioca daquela época.

Dentro desse cenário é que entram em convivência os personagens que, por ordem de aparição, são os seguintes: Miss Dollar – uma cadelinha galga, cuja perda e oferta de uma boa recompensa para quem a encontrasse e restituísse ao proprietário faz dela um “mote” para a trama “romanesca” entre Mendonça e Margarida; Dr. Mendonça – “homem de seus trinta e quatro anos, bem apessoado, maneiras francas e distintas. Tinha-se formado em medicina e tratou algum tempo de doentes” (1994: 3); Margarida – de quem se notava “principalmente, além da beleza, que era de primeira água, certa severidade triste no olhar e nos modos.” (1994: 6); Andrade – amigo e confidente de Mendonça; D. Antônia – tia de Margarida e mãe de Jorge; Jorge – “esse rapaz, que gastava duzentos mil-réis por mês, sem os ganhar, graças à longanimidade da mãe” (1994: 11), para defini-lo com uma tipificação extraída de outro conto de Machado: um verdadeiro medalhão.

“Miss Dollar”, embora seja um conto, segue a linha machadiana dos romances de costume, em certa medida inspirados na, ou no mínimo, em consonância, mesmo que fortuita, com a proposta do escritor realista francês Honoré de Balzac. Este nos deixa entrever, no preâmbulo de seu arrojado projeto *A Comédia Humana*, o papel do escritor realista e o caminho a ser por ele seguido.

¹ Ver ensaio “Carta sobre a literatura brasileira” (referência), de Araripe Jr. Nele o crítico cearense expõe sua teoria que deposita sobre a natureza o poder de transformação dos indivíduos e de sua escrita a partir de fatores climáticos.

Fazendo o inventário dos vícios e das virtudes, recolhendo os principais fatos das paixões, pintando os personagens, escolhendo os principais acontecimentos da sociedade, compondo os tipos pela reunião dos traços de vários personagens homogêneos talvez eu conseguisse escrever a história esquecida por tantos historiadores, **a dos costumes**. (Balzac, 1842: 52). [grifo nosso]

[...] Ao copiar toda a Sociedade capturando-a na imensidão das suas agitações, acontece, deveria acontecer, que tal composição oferecesse mais mal do que bem [...]. Ademais, o autor que não sabe decidir se submeter ao fogo da crítica, não deve meter-se a escrever assim como um viajante não deve se lançar na estrada contando com um céu sempre sereno. Sobre isso, resta-me observar que os moralistas mais conscienciosos duvidam que a Sociedade possa oferecer tantas ações boas quanto más. As ações culpáveis, as faltas, os crimes, dos mais leves aos mais graves, sempre encontram sua punição humana ou divina, explícita ou secreta. Fiz melhor que o historiador; eu sou mais livre. (Balzac, 1842: 54).

Na opinião de Passos (2007), com o advento do Realismo e a influência de Balzac como referência para os propósitos da literatura nesse movimento, “o objeto do romance permaneceu desde então moral e epistemologicamente aferrado à representação da diversidade da vida social e privada em desenvolvimento.” (Passos, 2007: 89).

Sem fugir a esse esquema, Machado de Assis passa a pintar em sua ficção os traços da sociedade brasileira engendrada no movimento social cotidiano, partindo da privacidade dos lares e dos grupos conviviais mais íntimos para o espaço público da rua e dos ambientes frequentados pela população brasileira, em que ocorriam as trocas mais amplas da sociedade. Por exemplo, são temas constantemente tratados em sua obra *a influência das convenções sociais* nas atitudes dos indivíduos, *a ociosidade* de uma classe nascente no meio urbano e *os modos* como essa classe ocupa o tempo vazio “dedicando-se” à vida alheia e constituindo-se às vezes como verdadeira “guardiã” da observância aos bons costumes.

Para compreensão desses elementos em sua feição mais complexa, é importante perceber que o Brasil descrito por Machado de Assis tem origens na nossa sociedade colonial, cujos modos, preconceitos e costumes migraram do mundo rural para a cidade. Tal fato se deu em virtude da queda da lavoura, da vinda da Corte portuguesa, do crescimento dos espaços urbanos e de uma série de reformas que findaram por modificar nossa sociedade escravocrata. Sergio Buarque de Holanda nos apresenta esse processo:

Um dos efeitos da improvisação quase forçada de uma espécie de burguesia urbana no Brasil está em que certas atitudes peculiares, até então, ao patriciado rural logo se tornaram comuns a todas as classes como norma ideal de conduta. Estereotipada por longos anos de vida rural, a mentalidade de casa-grande invadiu assim as cidades e conquistou todas as profissões, sem exclusão das mais humildes (Holanda, 2003: 87).

Como se vê, muitos dos traços da sociedade brasileira pintados por Machado de Assis instigam a reflexão sobre as raízes histórico-sociais da nossa cultura (Cf. Holanda, 2003; Freyre, 1992), revelada, por exemplo, no pensamento e na atitude dominantes perante determinadas questões como o trabalho, a política e o casamento. No conto, busca-se justamente apresentar o contraponto que marca a sociedade brasileira: *o descompasso mental e cultural de um país que caminhou no sentido de urbanização, mas que ainda se move com as rodas dos moinhos de antigamente*.

Como dito anteriormente, a perda de uma cadela é o mote para o desenrolar da narrativa. A começar pela ironia do nome do animal, que suscita várias suposições, até a apresentação dos personagens e da trama, tudo é urdido de forma a fazer transparecer um Brasil real, corriqueiro, visível nas suas idiossincrasias, vicissitudes, sortes e azares.

O mais notável elemento é sem dúvida a ojeriza que o *trabalho* desperta nos personagens. A partir de um microcosmo (as relações entretidas de forma particular no conto) amplia-se a questão para o macrocosmo social da nação brasileira. O personagem que vai encontrar a cadela é um médico (Mendonça), portanto, um trabalhador, um homem com formação acadêmica. No entanto, apesar de ter um ofício, não mais o exerce, posto que criou um medicamento que fez muito sucesso e graças ele tem as vantagens pecuniárias que o possibilitam viver sem trabalhar. Ou seja, um homem com tempo disponível e ocioso. Contraditoriamente, esse homem, com formação para ajudar as pessoas, pois dispõe da ciência para isso, ocupa seus dias em cuidar dos cachorros que possui em grande quantidade e que são nomeados com títulos honoríficos ou nomes de grandes imperadores. Os outros personagens, como veremos adiante, não ficam atrás, movidos apenas pela ambição e pela frivolidade.

Tomando como ponto de partida o pensamento já exposto de Sergio Buarque de Holanda sobre as origens da nossa sociedade, podemos entender tal ‘desapego’ ao trabalho como herdado do nosso período colonial, onde o escravo era “os pés e as mãos” do senhor de engenho: todo e qualquer trabalho era realizado por estes e ao senhor branco restava usufruir o ócio e a escravidão.

Escravos que se tornaram literalmente os pés dos senhores: andando por eles, carregando-os de rede ou palanquim. E as mãos – ou pelo menos as mãos direitas; as dos senhores se vestirem, se calçarem, se abotoarem, se limparem, se catarem, se lavarem, tirarem os bichos dos pés (Freyre, 1992: 428).

A conduta desinteressada em desenvolver qualquer atividade sem que houvesse a figura do escravo refletiu não só em nossos serviços públicos como bem observou Holanda (2003), mas também na classe média do século XIX. Tal estado de valores, que ainda hoje pode ser percebido no Brasil, constitui-se como eco do sentimento que se arraigou em nossa cultura de que trabalho é feio, coisa de escravo, de gente menor.

Muitas das dificuldades observadas, desde velhos tempos, no funcionamento dos nossos serviços públicos, devem ser atribuídas, sem dúvida, às mesmas causas. Num país que, durante a maior parte de sua existência, foi terra de senhores e escravos, sem comércio que não andasse em mãos de adventícios ambiciosos de riquezas e de enobrecimento, seria impossível encontrar uma classe média numerosa e apta a semelhantes serviços (Holanda, 2003: 88).

Se o trabalho, portanto, não dignifica o homem, muito pelo contrário, inferioriza-o, tem-se como consequência que a origem do dinheiro não vem do esforço contínuo, mas de um lance de sorte que o põe à disposição do tempo, das heranças em disputa, dos casamentos por interesse, enfim de várias jogadas que permitem ao seu jogador o triunfo ou a derrocada. Essa condição é emblemática na construção das narrativas machadianas.

De acordo com Passos (2007: 52), a casa torna-se, nas narrativas machadianas, uma extensão do indivíduo, o espaço em que os personagens projetam seus desejos de distinção. Ainda conforme o autor, os protagonistas em Machado “espraíam seus desejos no ambiente, lançam na paisagem invenções vaidosas da sua posição no mundo.” (op. cit.) Esse espalhamento de si no ambiente é também uma forma de buscar no reconhecimento da opinião pública a satisfação egoística e o gozo.

Podemos ainda comentar nessa pintura caricaturada dos tipos humanos nacionais o personagem Jorge, por meio de quem Machado retrata, em “Miss Dollar”, a *frivolidade dos jovens ricos* que não tinham outra ocupação senão esbanjar a fortuna de seus pais em hábitos fúteis, em prazeres etéreos e consumismos desnecessários; isso sem guardar o mínimo de responsabilidade e preocupação com o futuro, com uma formação, com o trabalho e com a construção de uma independência pessoal. Vejamos a atitude da mãe em relação ao filho: “D. Antônia, com olhos e ouvidos de mãe, achava que o filho era o rapaz mais engraçado deste mundo; mas a verdade é que **não havia em toda a**

cristandade espírito mais frívolo.” [grifo nosso] (Machado de Assis, 2002: 26).

A partir da complacência da mãe em relação à frivolidade do filho e das outras situações expostas, voltamos à *histórica desvalorização brasileira do trabalho*, que contribuiu para a formação de tal quadro, em que se menospreza o esforço e o caráter pessoal, que deveriam ser os meios legítimos de se buscar a sobrevivência e de se conquistar uma independência e patrimônio.

Com a análise das situações do conto que denunciam o estado das coisas e das pessoas na sociedade que se organizava, percebe-se que, para a crítica da época, Machado comportou-se como filho ingrato, já que destrata a grande mãe nação que o gerou. Através do seu olhar, desfilam homens sórdidos ou desocupados, mulheres venais ou passivas, jovens frívolos ou cruéis. Como poderia uma terra onde se plantando tudo dá gerar filhos-frutos tão desprezíveis? Do que se orgulhar então? Como fazer frente à Europa exportando encostados e aproveitadores?

Para Machado aí não reside a função ou a importância da literatura. Seu amadurecimento resulta justamente nessa indisposição filial, quando os filhos podem se distanciar dos pais e observar sua face real e a partir daí seguir caminho próprio. Na independência Machado coloca sua travessia e a da literatura brasileira, que agora pode caminhar sem prestar contas a quem quer que seja, vivendo às expensas de si mesma. Uma literatura que se alimenta sobretudo de sua própria urdidura.

Considerações finais

A literatura brasileira por longo período seguiu modelos ou mesmo copiou os modelos provenientes da Europa. Foi-nos apresentando um Brasil que não era para brasileiros e sim para estrangeiros. Machado de Assis, por sua vez, apresentou-nos a sociedade brasileira da forma que ela realmente era, um Brasil sem idealizações, não restrito ao imaginário sobre os indígenas e sertanejos, mas um país que, apesar de novo, era uma mistura valiosa de tipos humanos. Tal representação foi alvo de inúmeras críticas que não findaram por desmerecer seu trabalho, pelo contrário, ampliaram a discussão sobre a diversidade de traços, perfis e caracteres componentes do povo brasileiro.

Com este trabalho, tentamos mostrar, por meio da análise de um dos contos que compõem a vasta obra machadiana, como as marcas da brasilidade nela apresentadas continuam atuais, isto é, como ainda hoje podemos verificar a presença dos traços nacionais pintados por Machado de Assis na sociedade brasileira contemporânea.

Observamos o relativo consenso no séc. XIX a respeito da necessidade urgente de emancipação da literatura nacional, para a qual os críticos prescreveram uma espécie de receita. Contudo, cada um deles enfatizou determinados critérios (com algumas convergências e outras divergências) como meio de construir uma literatura genuinamente brasileira. Por exemplo, Araripe Júnior ressaltou o romance indianista que reconhecia o papel original do índio na formação da identidade nacional e destacava as belezas naturais da *Terra Brasilis*; já Sílvio Romero e José Veríssimo enfatizaram o cruzamento das raças na composição do povo brasileiro, louvando os romances sertanejos que apresentavam a cultura popular nascente.

Fugindo às regras então estabelecidas e explorando aspectos ainda pouco tocados pela literatura (os costumes das novas classes que começam a se organizar no meio urbano), e isso por meio de um estilo particular de escrita (fina análise sociológica em que a crítica perspicaz e irônica toma o lugar da forma elogiosa e idealista da literatura romântica), a literatura machadiana não pôde ser corretamente apreciada pela crítica de seu tempo.

A análise do conto “Miss Dollar”, que desenvolvemos na segunda parte deste trabalho, permitiu-nos refletir sobre o viés sócio-histórico explorado por Machado de Assis em sua pintura da sociedade brasileira. Como pudemos ver, seu projeto literário encontra fortes semelhanças com aquele proposto

por Honoré de Balzac, para quem ao escritor realista caberia retratar a história não contada pelos historiadores, isto é, a história dos costumes.

Em suma, Machado de Assis constrói com o conjunto de sua obra um verdadeiro painel da sociedade brasileira, conseguindo alcançar os aspectos mais entranhados e marcantes das novas classes urbanas. Assim, desfila na obra machadiana um rico conjunto de tipos humanos, contemplados a partir de uma perspectiva ao mesmo tempo sociológica e literária. Daí percebermos o diálogo possível de ser travado entre a representação social na literatura machadiana e os estudos sociológicos e históricos, marcadamente em autores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Por fim, longe de corroborarmos as duras críticas endereçadas a Machado de Assis (julgando sua literatura distante de uma produção genuinamente nacional), esperamos ter apresentado uma mostra da riqueza de sua contribuição para a compreensão crítica e para a construção da identidade nacional brasileira.

Referências Bibliográficas

Assis, M. (2002). “Miss Dollar” in *Contos Escolhidos*. São Paulo: Martin Claret.

Balzac, H. (1842). “Avant-propos”. *La Comédie Humaine*. Paris. pp. 51-56.

Freyre, G. (1992 [28ª edição]). *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record.

Holanda, S. (2003 [26ª edição]). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Junior, T. (1978). *Araripe Júnior: teoria, crítica e história literária (seleção e apresentação) de Alfredo Bosi*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.

Passos, J. (2007). *Machado de Assis: o romance com pessoas*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, Nankin Editorial.

Romero, S. (1980 [7ª edição]). *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL.

Schwarz, R. (1987). “Duas notas sobre Machado de Assis” in *Que horas são?*. São Paulo: Companhia das Letras.

Veríssimo, J. (1977). *José Veríssimo: teoria, crítica e história literária (seleção e apresentação) de João Alexandre Barbosa*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.

_____. *História da Literatura Brasileira*. Fundação Biblioteca Nacional. [Url: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf, acessado em 03/09/2013]